

Todo mundo sabe, por experiência própria, que aquilo que faz correr o alto funcionário pode deixar o pesquisador indiferente, e que os investimentos do artista permanecem ininteligíveis para o banqueiro. Isso quer dizer que um campo só pode funcionar se encontra indivíduos socialmente predispostos a se comportarem como agentes responsáveis, a arriscarem seu dinheiro, seu tempo, às vezes sua honra ou sua vida, para perseguir os objetivos e obter os proveitos decorrentes, que, vistos de outro ponto de vista, podem parecer ilusórios, o que afinal sempre são, na medida em que repousam sobre aquela relação de cumplicidade ontológica entre o hábito e o campo, que está no princípio da entrada no jogo, da adesão ao jogo, da "illusio".

Pierre Bourdieu, *Lições de aula*, 1994, p. 52

circulação e pregnância: valor

- I) rede de aparelhos
- II) campo discursivo
- III) arquivo

circulação e pregnância: **valor**

I) rede de aparelhos

- mediadores – editores, livreiros...
- intérpretes e avaliadores – críticos, professores...
- cânones – manuais, coleções, **listas**...

circulação e pregnância: **valor**

II) campo discursivo

- conjuntura (equilíbrio instável)
- posicionamentos
 - dominantes/dominados
 - centrais/periféricos

circulação e pregnância: **valor**

III) arquivo

- memória interna - filiações
- espaços
 - **canônico** ← associado
 - **figuração** ← regulação

As mediações materiais não vêm acrescentar-se ao texto como “circunstância” contingente, mas **intervêm na própria constituição de sua “mensagem”**.

Dominique Maingueneau, *Discurso literário*, 2006, p. 85

Convém lembrar que a produção, não apenas de livros, mas dos próprios *textos*, é um processo que implica, além do gesto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres impressores, dos compositores e revisores. As transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica de objetos comuns, de linguagens e práticas ritualizadas ou cotidianas (...) Elas concernem mais fundamentalmente às **relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições.**

Roger Chartier, *Inscrever e apagar*, 2007, p. 12

A ideia básica é esta: se vejo alguma coisa, uma mesa, por exemplo, o que vejo é a madeira em forma de mesa. É verdade que essa madeira é dura (eu tropeço nela), mas sei que perecerá (será queimada e decomposta em cinzas amorfas). Apesar disso, a forma “mesa” é real e o conteúdo “mesa” (a madeira) é apenas aparente. Isso mostra, na verdade, o que os carpinteiros fazem: pegam uma forma de mesa (a “ideia” de uma mesa) e a impõem em uma peça amorfa de madeira. Há uma fatalidade nesse ato: os carpinteiros não apenas informam a madeira (quando impõem a forma de mesa), mas também deformam a ideia de mesa (quando a distorcem na madeira). A fatalidade consiste também na impossibilidade de se fazer uma mesa ideal.

Vilém Flüsser, *O mundo codificado*, 2007, p. 26

mídium: OM/MO

suporte + circulação

Organização Materializada  Matéria Organizada

matriz de sociabilidade  vetor de sensibilidade

Régis Debray, mediologia ou midiologia

objeto editorial

Objetos editoriais são objetos técnicos que supõem uma cadeia criativa e uma cadeia produtiva, nas quais técnicas e normas são administradas por diferentes atores, com vistas à formalização material de uma síntese de valor sínico, que enseja uma circulação pública, **apontando para uma autoria**.

DISCURSO LITERÁRIO

- uma certa relação com a língua
- uma certa forma de textualizar
- uma certa produção de subjetividade

Interlíngua: escavar um hiato irredutível

princípio: não há UMA língua, mas registros diversos
que são efetivamente usados
com suas marcas pretéritas e suas inovações
consensuadas entre os locutores de comunidades discursivas

um fundamento da AD

- a língua é opaca
- os sentidos são dados na relação parafrástica
- a língua tem autonomia relativa

Os sentidos se produzem na relação da língua com o vivido, com a organização social, com as condições de produção dos discursos – que se linearizam em textos...

interlíngua

interação das línguas e dos registros ou variedades de uma língua acessíveis em uma dada conjuntura

código linguageiro

Associam-se estreitamente nessa noção as acepções de "código" como sistema de regras e de signos que permite uma comunicação e de "código" como conjunto de prescrições: por definição, o uso da língua que a obra implica se apresenta como a maneira pela qual se tem de enunciar, por ser esta a única maneira compatível com o universo que assim se instaura (Maingueneau, 2006: 182).

constitui um posicionamento; maneira singular de gerir a interlíngua

“Como é que é a regra pra usar o termo *vítima*?”

redator da Folha de S.Paulo
em RODRIGUES, M. G. **Reporter Shiva? Práticas discursivas e atividade de
trabalho do jornalista em tempos de mudança.**

LAEL, PUC-SP, 2013.

Na outra ponta, afastando-se dos centros urbanos, o cineasta Roberto Berliner produziu o documentário *Som da rua*, quando embarcou numa expedição sonora rumo às periferias **nos estados** do Nordeste, **nos do Norte** e **em** Minas, locais onde filmou músicos que **muitos de¹⁶** nós desconhecemos.

O *Som da Rua* representa um murmúrio constante ouvido nas esquinas de **qualquer¹⁵** cidade brasileira. São histórias de pessoas que entoam canções, que improvisam versos, que recitam cordéis, que tocam instrumentos **toscos¹⁶** na calçada, com microfones **primitivos¹⁷** presos ao pescoço e amplificadores de segunda mão, equilibrados **num banquinho**. É a rua sertaneja, evangélica, caipira, social, cheia de humores e rumores que Berliner nos apresenta.

¹⁶ Supus que alguns dos leitores do Zine podem não desconhecer.

¹⁵ O termo é *qualquer* mesmo? Fiquei com dúvida.

¹⁶ Ou *rústicos*?

¹⁷ Ou *antigos*?

plurilinguismos

- interno
- externo

perilínguas

- infralíngua (hipolíngua)
- supralíngua (hiperlíngua)

"sabedoras em excesso de coisas imaginosas e irrealizáveis, que ficaríamos bem estomagados de saber, nós usadores do mundo"

"Às vezes até mesmo com pessoas presentes, lhe acontecia receber aquela sensação 'afrosa', como diriam as meninas na meia língua franco-brasileira que se davam agora por divertimento."

"Il y a des jours ou je sens à tout moment qu'un 'personnage' me frôle!". Ela sentia masculinos 'ces personnages' que a frolavam no escuro do quarto..."

"Era melhor fingir desinteresse por aqueles dois 'personnages gluants', se dando a mão com tanta imoralidade (...) se lhe pusessem as mãos gluantes nos ombros, ela havia de berrar".

"Pois elas não tinham visto o que se passara atrás da catedral de Ruão! Deu um daqueles muxoxos, meio nojo, meio desnorteamento, que lhe mereciam todas as cochoneras dessa vida".

"E agora, já sem sustos mais, num desalento vazio, termina de contornar o 'derrière' da catedral. Já não era mais ela que 'bousculava' os outros, como diriam as meninas, a multidão é que a bousculava..."

"E Mademoiselle estava... Só um verbo irracional dirá no que Mademoiselle estava: Mademoiselle estava no cio."

exertos de “Atrás da catedral de Ruão”,
Mário de Andrade, **Contos Novos (1924-1942)** .